



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12396 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

“ESTADO DA ARTE” SOBRE A DIVERSIDADE NA EJA: o que as pesquisas revelam?  
 Emanuella de Azevedo Palhares - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
 Francisco Canindé da Silva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

**“ESTADO DA ARTE” SOBRE A DIVERSIDADE NA EJA: o que as pesquisas revelam?**

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma atividade acadêmica na pós-graduação – mestrado em educação – na qual estamos inseridos enquanto estudante, e cuja finalidade é a de apresentar uma síntese sobre os modos como tem sido pensada, escrita, discutida a temática da diversidade com os sujeitos da EJA. Partimos da seguinte pergunta: qual conhecimento vem sendo produzido, no âmbito acadêmico, a respeito da diversidade com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos?

Para tal propósito, foi realizada uma pesquisa, de tipo bibliográfica, denominada *Estado da Arte* (FERREIRA, 2002), com o intuito de investigar a partir de teses e dissertações, maneiras de como a temática mencionada tem sido discutida no âmbito acadêmico, tendo em vista os trabalhos disponíveis na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os seis trabalhos investigados (03 dissertações e 03 teses) apontam, em conformidade com a LDB N° 9394/96, que a EJA enquanto modalidade com finalidades e funções específicas e, sendo um campo favorável para convergência da diversidade, – seja por meio dos sentidos que os próprios estudantes atribuem à escola, seja por meio dos inúmeros marcadores sociais, tais quais, gênero, raça, classe, etnia e outros – se constitui um campo fértil de diferenças formativas de uma identidade. Ressaltamos que a modalidade tem como objetivo basilar, atender às singularidades e especificidades que se entrecruzam e se

reverberam na escola, quando consideradas as redes de saberes e reconhecidas suas trajetórias de vida, crenças, valores, identidades e subjetividades.

Entretanto, nem sempre a escola tem atuado no sentido de identificar, acolher, visibilizar e respeitar a diversidade desses indivíduos, reproduzindo ciclos de exclusões e fortalecendo processos de marginalização que tem sido historicamente relegada aos que se desviam dos padrões socialmente aceitos e validados. Tal condição é caracterizada na escola por meio do não reconhecimento ou não aceitação da diversidade que a compõe; por meio da não garantia da permanência dos que a frequentam; pelo fato de não se trabalhar a diversidade de modo mais comprometido com a transformação da realidade atravessada pelo fenômeno monocultural.

## 2. O QUE REVELA A PESQUISA SOBRE DIVERSIDADE NA EJA

Nesta seção, abordamos, compreensivamente, as principais ideias contidas em 06 trabalhos selecionados para este estudo, que articulam a *diversidade* enquanto eixo fundante na modalidade educativa da EJA. Como critérios para a seleção dos trabalhos, estabelecemos a Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), como base de pesquisa e obtenção dos dados pretendidos, considerando os seguintes descritores: *Diversidade AND EJA* e *EJA AND Diversidade AND Identidade*; outro critério ponderado, além dos descritores e o Operador Booleano *AND*, foi o recorte temporal, tomando como referência o período de 2015 a 2021.

No primeiro trabalho, denominado de “Entre idas e vindas: uma diversidade de sentidos para a escola de EJA” (SANTOS, 2018), identificamos como objetivo, conhecer os sentidos que os estudantes da EJA atribuem à escola, levando em consideração as razões pelas quais esses sujeitos retornam à escola, no sentido de dar continuidade aos estudos após diversas intercorrências que atravessam a vida dessas pessoas durante o percurso escolar, fazendo com que abandonem a escola.

A autora destaca que em meio a diversidade presente na EJA, muitos de seus frequentadores, a maioria, por razões econômicas, sociais, políticas, culturais, são colocados às margens da sociedade. Nesse sentido, busca conhecer quais perspectivas de futuro, a escola pode oferecer, ainda que por meio do retorno ou ingresso “tardio” para essas pessoas que foram impedidas do direito à educação, pelas razões mencionadas anteriormente, seja no que se refere ao acesso, a permanência ou sucesso escolar. Dos sentidos atribuídos pelos sujeitos à escola, a autora identificou: melhorar as condições de vida; ingressar no Ensino Superior e obter um melhor emprego.

O estudo é revelador de que há uma pluralidade de sentidos que são atribuídos à EJA que se inscrevem no processo de subjetividade dos sujeitos, em sua maioria, buscam na escola uma maneira de restaurar o direito à educação e ao acesso aos demais direitos civis negados.

No segundo trabalho, uma tese intitulada “Diversidade sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação” (SILVA, 2016), o autor busca identificar as especificidades dos estudantes LGBT que chegam até a EJA, tentando compreender o quanto a homofobia pode ser impeditiva para a livre expressão quanto à orientação sexual dos sujeitos, como também, como uma barreira para a efetivação do direito à educação dessas pessoas jovens, adultas ou idosas.

Fundada a partir da ideia da heteronormatividade compulsória, a homofobia pode se materializar sob vários aspectos, investigada pelo referido autor, por meio de temáticas tais como: corpo, uso do banheiro, uso do nome social, a influência da religião sobre a sexualidade, identidades sexuais transitórias e outras. E nesse contexto, defende a concepção de uma *Pedagogia do Acolhimento*, que possui perspectiva anti-homofóbica, visto que a escola, por não estar preparada para lidar com a diversidade sexual dos sujeitos e até mesmo reproduzir processos discriminatórios por meio de discursos e/ou práticas pedagógicas, pode representar um lugar hostil para pessoas LGBTQIA+, configurando-se enquanto fator de expulsão que culmina no abandono escolar dessa população.

No terceiro trabalho selecionado, “O não-lugar do lugar da escola: sentidos produzidos por jovens de 15 a 17 anos na Educação de Jovens e Adultos” (SILVA, 2019), a autora parte da perspectiva da diversidade dos sujeitos da EJA de modo imbricado às suas histórias de vida, experiências, singularidades, identidade, características, sociabilidades, tramas sociais, entre outros que se enredam e repercutem na escola, tornando esse espaço múltiplo de sentidos.

Por meio de um processo de incursão da autora na realidade das pessoas investigadas, foi possível capturar uma multiplicidade de sentidos produzidos pelos estudantes. Dentre os sentidos atribuídos por esses jovens à permanência na escola, destacamos: o jovem que vê no processo de escolarização uma maneira de aliviar o sofrimento de sua mãe, com o prosseguimento em seu processo de escolarização.

A autora destaca, ainda, que nas tramas dos sentidos atribuídos à escola por esses jovens, há fios como o de gênero, pertencimento étnico-racial, família, trabalho e relações de sociabilidade, que se atravessam os sentidos emergentes nos depoimentos recenseados pela autora, definindo o que ela designa de texturas e intensidades singulares.

Percebemos com esse estudo que a escola, mesmo sendo um espaço institucionalizado, prescritivo, hierarquizado, é também um lugar de possibilidades, da *diversidade*, expressa pelas subjetividades individuais ou coletivas dos sujeitos que a povoam, reinventando, cotidianamente, este espaço de tramitação do coletivo, como também, ressignificando as suas próprias existências.

“A construção de igualdade de gênero no currículo da educação de adolescentes, jovens e adultos na rede municipal de ensino de Goiânia” (GOMES, 2016), quarto trabalho selecionado e analisado, destacamos com a autora, a necessidade e importância de reconhecer

a EJA enquanto espaço de diversidade cultural, bem como, considerar os grupos que a formam, majoritariamente, atentando para suas características, especificidades e identidades, que têm sido atravessadas historicamente por processos de exclusão, invisibilização e marginalização

A autora conclui que o modelo heteronormativo é impeditivo das demais manifestações que constituem a diversidade cultural da escola e da sociedade, configurando-se a partir de moldes repressivos, intolerantes quanto às diferenças, e faz um convite para repensarmos a EJA, torná-la num espaço mais saudável, acolhedor e respeitador da dignidade humana e de seus direitos.

Nessa esteira de processos, práticas e situações que articula a *diversidade*, o trabalho “As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na Trajetória de Mulheres Negras da EJA” (LEAL, 2017), focalizou os marcadores sociais: raça, gênero e classe e o modo como tais marcadores atravessam a trajetória de mulheres negras da EJA, a fim de compreender a complexa teia de deslegitimação que envolve a vida dessas mulheres, atrelada a estereotipação negativa, racismo, preconceito e outros.

A autora aponta que as formas de preconceito vivenciada pelas mulheres negras não são originadas somente a partir de um dos marcadores sociais, mas da interseccionalidade entre todos eles, afetando de modo complexo, a vida dessas mulheres. Resultante do processo de pesquisa, causou estranhamento à autora, o fato de as práticas racistas e sexistas atravessarem a vida dessas estudantes por meio, também, de suas trajetórias escolares, reforçando que a escola é uma instituição extremamente relevante na construção dos processos de transformação social, capazes de promover uma sociedade mais justa, democrática e equitativa.

No último trabalho analisado “Trajetórias de alunos e alunas transgêneros na educação de jovens e adultos do município de Nova Iguaçu” (SILVA, 2015), revela-se, a partir do mapeamento das escolas do município e entrevistas com os professores, a ausência de alunos e alunas travestis e transexuais; a postura transfóbica das escolas de educação básica, que interdita e não assegura o direito da população trans de frequentar e permanecer na escola, conforme os relatos a seguir:

Lê vinha todo maquiado para a escola. Era muito engraçado aquilo porque a gente olhava e ele se maquiava melhor que a gente. Aí uma vez eu virei pra ele e disse: “Lê não vem tão maquiado assim porque aqui não é ambiente para você vir maquiado”. Ele falou que não conseguia aprender se não tivesse com maquiagem (RUE Beta: vivências trans de Lê).

J. estudou aqui desde o “CA”. Nós conhecemos a trajetória dele todinha. E o J. quando veio pra noite veio como Milie. Ele falava assim: “meu nome não é J., meu nome é Milie.” Eu disse: “você está registrado como J. Você vai ser sempre J. pra mim. (RUE Beta: vivências trans de Milie) (SILVA, 2015, p. 127).

A postura intolerante e perversa da escola é reflexo de uma sociedade heteronormativa e, por isso, transfóbica, configurando este lugar num espaço hostil àqueles/àquelas que se desviam dessa norma e, conseqüentemente, passa a excluí-los do direito à educação, uma vez que tal postura acaba repercutindo na decisão das pessoas trans em não permanecerem na escola.

### 3. CONCLUSÕES

Os trabalhos investigados nesse estudo demonstram o quanto a escola tem reproduzido processos de exclusões, negando a diversidade que a compõe. Ao inserir tal problemática na EJA, a situação ganha maior amplitude e complexidade, pois ao tentarmos compreender e nos aproximarmos dos sujeitos que a compõem, mulheres e homens que retornam para a escola após períodos de interdição ao direito à educação, seja no acesso, na permanência ou no sucesso escolar, percebemos que em sua maioria são pessoas com trajetórias de vida atravessadas por inúmeras formas de exclusão: racismo, sexismo, homofobia, machismo etc.

No entanto, nem sempre a escola da EJA tem demonstrado estar preparada para lidar com essa diversidade, tornando este espaço em um lugar de exclusão, silenciamento, invisibilização, preconceito e intolerância. Todavia, cabe ressaltar que, ainda que esta diversidade não seja reconhecida, ela não deixa de existir, nem de chegar até a escola.

A diversidade dos sujeitos da EJA, considerando seus sentidos éticos, estéticos e políticos, reverbera na escola por meio dos sujeitos que cotidianamente habitam, vivem, povoam a escola, fabricando criativamente maneiras de resistências à normatividade social imposta, como forma de darem conta e ressignificar suas existências.

Os trabalhos investigados se traduzem enquanto *anúncio* e *denúncia* de uma realidade perversa, desigual e injusta, configurando-se em força mobilizadora para a construção de uma EJA democrática, verdadeiramente inclusiva e potencialmente emancipatória.

### REFERÊNCIAS

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas: Scielo, v. 79, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GOMES, Maria Antônia de Paula. A construção de igualdade de gênero no currículo da educação de adolescentes, jovens e adultos na rede municipal de ensino de Goiânia. 2016. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (CEPAE), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

LEAL, Maristela Pereira. As inter-relações entre discriminação racial, de gênero e exclusão social na trajetória de mulheres negras da EJA. 2017. 110 f. **Dissertação** (Mestrado), Mestrado em Psicologia, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SANTOS, Juliana Silva dos. Entre idas e vindas: uma diversidade de sentidos para a escola de EJA. 2018. 219 f. **Tese** (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Jerry Adriani da. Diversidade sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA): limites e possibilidades da efetivação do direito à educação. 2016. 315 f. **Tese** (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Luciano Marques da. Trajetórias de alunos e alunas transgêneros na educação de jovens e adultos do município de Nova Iguaçu. 2015. 152 f. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Maria Clemência de Fátima. O não-lugar do lugar da escola: sentidos produzidos por jovens de 15 a 17 anos na Educação de Jovens e Adultos. 2019. **Tese** (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.